

VIVENCIANDO PROCESSOS EDUCACIONAIS NA SAÚDE COM O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA PERSPECTIVA DO INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA DO HOSPITAL SÍRIO LIBANÊS (IEP/HSL)

EXPERIENCING EDUCATIONAL PROCESSES IN HEALTH WITH THE USE OF ACTIVE METHODOLOGIES IN TEACHING AND RESEARCH INSTITUTE OF THE HOSPITAL SIRIO LIBANES (IEP/HSL)

Eufrasia Santos Cadorin^{1*}, Aline Barreto de Almeida Nordi²

¹ Cirurgiã Dentista. Servidora da Secretaria Municipal de Saúde de Rio Branco e Docente da UNINORTE/AC.

² Fisioterapeuta. Professora Adjunta do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos/SP.

* Autor correspondente: cadorin_eu@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O presente artigo relata a vivência na formação em processos educacionais na saúde com o uso de Metodologias Ativas enquanto estratégia no processo ensino aprendizagem. **Objetivos:** Tem como objetivo descrever o processo formativo e promover reflexões sobre as possibilidades e limites para a utilização dessas estratégias no campo de formação na área da saúde. **Método:** O curso foi promovido pelo Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio Libanês, sendo desenvolvido no município de Rio Branco - Acre, no período de outubro de 2016 a fevereiro de 2017, na modalidade semipresencial, com carga horária de 180 horas. **Resultados:** Atualmente, a formação superior na área da saúde, vem passando por transformações significativas nos modos de ensinar e aprender, a partir de mudanças nas Diretrizes Curriculares Nacional e das mudanças comportamentais de jovens e adultos no mundo moderno, onde a tecnologia assume um importante papel na sociedade. **Conclusão:** No ensino atual, não cabe mais a figura do professor autoritário e detentor do exclusivo do saber que se transmite de forma verticalizada. O professor assume a postura de um facilitador no processo, onde o educando é sujeito corresponsável com a sua aprendizagem, devendo para isso mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes que possibilitem a ação-reflexão-ação, com estratégias que possibilitem a reflexão considerando seus conhecimentos prévios que são ressignificados cotidianamente nos espaços de formação.

Palavras-chave: processos educacionais; saúde; metodologias ativas.

ABSTRACT

Introduction: This article relates the experience in training in educational processes in health with the use of Active Methodologies as a strategy in the teaching learning process. **Objective:** Aims to describe the formative process and promote reflection on the possibilities and limits for the use of these strategies in the field of training in the area of health. **Method:** The course was sponsored by

the Institute of education and research of the Hospital Sirio Libanes, being developed in the city of Rio Branco-Acre, in the period from October to February 2016 2017, in courses mode with hours of 180 hours. **Results:** Currently, higher education in the area of health, comes passing by significant changes in the modes of teaching and learning, from changes in the National curriculum guidelines and the behavioral changes of youngsters and adults in the modern world, where technology wins assumes an important role in society. **Conclusion:** In the current education, doesn't fit the picture of professor authoritarian and exclusive holder of knowledge that spreads of vertical form. Professor assumes the posture of a facilitator in the process, where the learner is co-responsible with learning your subject, and for that mobilize knowledge, skills and attitudes that enable the action-reflection-action, with strategies that allow reflection considering their previous knowledge that are routinely redefined in formal and informal training.

Keywords: educational processes; health; active methodologies.

INTRODUÇÃO

Viver é um eterno aprender, é estar mobilizado para a busca do novo, de novos significados que possibilitem resignificar as práticas cotidianas. Aprender, (re)aprender, aprender a aprender é um desafio diário, convidando a superar paradigmas que acompanham a existência, alguns internalizados como verdade única e imutável.

As teorias mudam, se reinventam no contexto da sociedade, num dado momento da história, e como parte dessa história, moldando valores, crenças e atitudes. Assim, não somos vítimas do destino ou das mazelas sociais, escrevemos a história, contribuindo ou não com a transformação social. As desigualdades sociais são frutos de escolhas, embora as opções individuais não sejam viver

na pobreza, na miséria ou às margens da sociedade, o que de certa forma parece contraditório. As desigualdades são frutos das escolhas, alimentadas cotidianamente, com pequenos gestos, atitudes e posturas, que promovem a exclusão social.

Na história da vida, cabe a reflexão: O que estamos produzindo com os conhecimentos adquiridos ao longo da caminhada? Estamos acumulando saberes ou contribuindo com a transformação da sociedade? Paulo Freire¹ afirma que a educação sozinha não transforma a sociedade, mas que sem ela a sociedade não muda. A educação transforma ao formar pessoas que possam intervir positivamente no curso da história, com a promoção da justiça social, na perspectiva da garantia de direitos universais.

A presente narrativa, pretende dar visibilidade e dizibilidade, a partir da concepção "de que do caráter empírico das visibilidades, criam-se modos de ver e de fazer ver, já da produção das dizibilidades aparecem maneiras específicas de falar e fazer falar", aos principais movimentos na formação vivenciada no curso de Aperfeiçoamento em Processos Educacionais na Saúde com ênfase em avaliação de competência (APES), no período de novembro de 2016 a março de 2017, possibilitando repensar e transformar a prática cotidiana em práxis, uma "atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz) e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico a si mesmo".²

A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Freire⁴ afirma que "Ensinar exige consciência do inacabamento". Na obra, o autor traz reflexões sobre os saberes necessários à prática educativa, elencando competências e habilidades para a docência, as quais transcende o campo do conhecimento e saberes específicos em sua área atuação e nos leva a refletir sobre que opção assumimos na vida.

É essa consciência que nos inquieta, mobilizando-nos a buscar respostas para o desconhecido, para o novo. Com a consciência do inacabamento nos situamos no mundo, na condição de eternos aprendizes, criando possibilidades de (re)aprender, como sujeito da história. Assumir essa posição como sujeito corresponsável nas práticas, é compreender que os saberes precisam ser compartilhados e socializados.

Ensinar é uma especificidade humana e portanto, exige dentre outras coisas, saber escutar, disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos.⁴ A partir desses pressupostos, o fazer pedagógico, opõe-se à prática educativa autoritária, onde o saber é centrado no professor detentor do conhecimento, rompendo com o paradigma estabelecido nas práticas tradicionais, centradas na transmissão do conhecimento, que ainda permeiam a prática de muitos educadores, seja pelo desconhecimento de novas possibilidades, seja por influência histórica e cultural.

Olhar para as práticas educativas no contexto atual, implica assumir essa consciência do inacabamento e repensar a educação

bancária⁵, que traz como consequência a necrofilia

Mientras la vida se caracteriza por el crecimiento de una manera estructurada, funcional, el individuo necrófilo ama todo lo que crece, todo lo que es mecánico. La persona necrófila es movida por un deseo de convertir lo orgánico en morgánico, do mirar la vida mecánicamente, como si todas las personas vivientes fuesen cosas. Todos los procesos, sentimientos y pensamientos de vida se transforman en cosas. La memoria y no la experiencia; tener y no ser es lo que cuenta. El individuo necrófilo puede realizarse con un objeto - una flor o una persona - únicamente si la posee; en consecuencia una amenaza a su posesión, pierde el contacto con el mundo. [...] Ama el control en el acto de controlar, mata la vida.⁵

Educar é uma prática de liberdade, onde não se reduz pessoas à coisas, inibindo a capacidade inventiva e criativa. Educar é criar possibilidades para que os educandos assumam seu papel de sujeitos no processo ensino-aprendizagem. “Na medida que o educador apresenta aos educandos, como objeto de sua “admiração”, o conteúdo, qualquer que ele seja, do estudo a ser feito, “re-ad-mira” a “ad-miração” que antes fez, na “admiração” que fazem aos educandos”.⁴

SAÚDE E EDUCAÇÃO: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

O mundo da saúde, é complexo e dinâmico, assume formas e modos

de produção, a partir de concepções de práticas de saúde cuidadoras, com transformações tecnológicas que influenciam o cotidiano das práticas,

[...] o percurso de uma nova conformação tecnológica para a produção dos atos de saúde, impactando a relação entre o núcleo tecnológico do trabalho vivo em ato com os outros núcleos deste processo produtivo, faz parte de uma aposta que se coloca de modo anti-hegemônico – tanto em relação à medicina tecnológica, quanto à da Atenção gerenciada que o capital financeiro vem introduzindo no setor saúde -, [...].⁶

Nesse contexto, o trabalho na saúde envolve uma dimensão cuidadora e educativa, onde o fazer saúde se constitui em uma prática diária do aprender fazendo, apoiados em conhecimentos científicos e técnicos que se traduzem nas práticas de cuidado, onde o trabalhador aprende e ensina com o seu trabalho e com o trabalho do outro.

A Educação compreende o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano”.⁷ O processo educativo formal, ocorre nas Instituições de Ensino, enquanto que a educação informal, acontece com as experiências vivenciadas ao longo da existência. Freire (2007) afirma que “Aprender e ensinar fazem parte da existência

humana, histórica e social, como dela fazem a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência e a tecnologia”, assim a educação é permanente, acontece no cotidiano de nossa existência.⁴

A educação e saúde, são áreas de conhecimento distintas, mas que se integram quando compreendemos a riqueza da educação nos modos de produção de saúde. A Educação na Saúde e a Educação em Saúde, convidam permanentemente os trabalhadores da saúde a conhecer e compreender práticas pedagógicas que ressignifiquem as práticas no serviço de saúde. Transitar por essas áreas do conhecimento, possibilita agregar novos conhecimentos e valores à prática de cuidado e práticas educativas.

METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

As Metodologias Ativas (MA) surgem em contraposição à formação tradicional que tem forte influência cartesiana-newtoniana e traz como consequências a abordagem fragmentada e reducionista. Na área da

saúde, a formação fragmentada repercute no cuidado na saúde, pois divide e trata o paciente (usuário) em partes, reforçando o modelo biomédico que tem a doença como objeto de intervenção.⁸ Na educação formal, as Metodologias Ativas são reconhecidas no movimento escolanovista.⁵

A atuação no Sistema Único de Saúde (SUS) tem como premissa, que o profissional tome a saúde como objeto de intervenção, orientada pela integralidade do cuidado. Nessa perspectiva, a formação profissional na saúde, assume importante papel no desenvolvimento de competências e habilidades, sendo objeto de discussão e ressignificação orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais.⁹

Alicerçada nos princípios de Paulo Freire, buscando o desenvolvimento da autonomia do educando, as Metodologias Ativas utilizam a Problematização como estratégia de ensino aprendizagem, propiciando a aprendizagem significativa, para intervenção na realidade.

Uma das estratégias de ensino alicerçada na problematização, é Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que tem como aspectos norteadores: a aprendizagem

significativa; a indissociabilidade entre teoria e prática; o respeito à autonomia; o trabalho em pequenos grupos; a educação permanente; e, a avaliação formativa.⁸

Analisando as potencialidades e fragilidades das MA, é possível perceber que uma das principais potencialidades está relacionada ao fato de que o educando é o sujeito no processo ensino aprendizagem, refletindo sobre sua prática e através destas reflexões, busca o conhecimento para intervir na realidade, tornando a aprendizagem significativa. Como fragilidade percebe-se que a cultura histórica da educação centrada na figura do professor, como transmissor do conhecimento, dificulta a superação de paradigmas e transformação das práticas, contribuindo com a postura do educando em se mantêm na zona de conforto, como receptor.

As MA assumem um significado importante, quando do desenvolvimento de práticas educativas que tenham como pressupostos a aplicação de métodos que busquem despertar no educando, a sua corresponsabilidade no processo. Com a vivência no curso APES, foi possível perceber que muitas das

práticas utilizadas até então, não se caracterizavam, como MA na sua essência e sim, como métodos educativos dinâmicos, que mobilizavam, mas não problematizavam, eram métodos utilizados para transmitir o conteúdo programado. De acordo com Lima¹⁰

Todos nós, no cotidiano das relações que desenvolvemos, atuamos, predominantemente, segundo uma determinada concepção que fundamenta nossa ação como educadores e educandos. Particularmente no trabalho em saúde, com pacientes e familiares e equipes, ou ocupando uma função mais específica na formação ou capacitação de outros profissionais, essa concepção orienta a seleção de conteúdos, as estratégias que utilizamos, as expectativas sobre o impacto educacional e, especialmente o modo como nos posicionamos no processo ensino-aprendizagem e lidamos com os educandos.¹⁰

Apoiado na concepção da teoria interacionista onde o foco se dá na interação dos sujeitos que buscam informações que dão significado ao processo e o professor atua como facilitador, o processo vivenciado no Curso, foi um grande desafio, possibilitando pensar em estratégias de como atuar em processos educacionais, apoiados na teoria construtivista.

Ao olhar para as práticas desenvolvidas em sala de aula, na

atuação docente, surgiu a inquietação, pois o método nos tira da zona de conforto, despertando a necessidade de (re)aprender, para repensar estratégias de ensino até então utilizadas nas disciplinas na graduação, afinal concepções de ensino deve fundamentar a prática, não podem ficar somente na teoria.

O PROCESSO FORMATIVO DO CURSO: ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

A estrutura do curso de Aperfeiçoamento em Processos Educacionais na Saúde com ênfase em avaliação de competência está apoiada em 02 eixos estruturantes: (i) simulação da prática em processos educacionais; (ii) contexto real do trabalho em facilitação de processos educacionais.¹⁰

No primeiro eixo, são articulados os conteúdos selecionados e as estratégias utilizadas, a partir do perfil de competência e experiência prévia dos participantes por meio de situações simuladas que potencializam o processo. No segundo eixo, o convite é explorar a prática profissional, produzindo diálogos que constroem a aprendizagem, para aplicação e

transformação da realidade que atuamos.¹⁰

Para atender aos objetivos educacionais propostos o Curso está organizado em 02 (duas) Unidades Curriculares (UC): (i) Acolhendo os participantes no Curso e nas Comunidades de Aprendizagem; e (ii) Prática e reflexão da facilitação de processos educacionais na saúde, buscando desenvolver nos participantes, as capacidades que fundamentam o perfil de competência desejado para o facilitador de aprendizagem.¹⁰

As atividades do Curso foram desenvolvidas em encontros presenciais e a distância, buscando atender aos objetivos, com ações educacionais que exploraram conteúdos cognitivos, psicomotores e atitudinais relacionados ao desempenho e ações chave do perfil de competência, distribuídas em 03 (três) Atividades Curriculares (AC): (i) Saberes e práticas em Processos Educacionais, cujo o foco é a ampliação da capacidade dos participantes para a facilitação em aprendizagem crítica; (ii) Simulação da Prática que possibilita ao participante, o reconhecimento de conquistas, limitações ou dificuldade na atuação

enquanto facilitador; e (iii) Reflexão da Prática que busca a reflexão das práticas dos participantes, no sentido de desenvolver uma facilitação crítica, voltada à melhoria da formação de profissionais numa perspectiva inovadora.¹⁰

O desenvolvimento do curso se deu por meio das Ações Educacionais, distribuídas entre as Atividades Curriculares do curso, na modalidade semipresencial com carga horária de 180h, divididas em 144h presenciais, com quatro encontros de 02 ou 03 dias ao longo de 05 meses e 36h à distância.¹⁰

ESPIRAL CONSTRUTIVISTA: SENTIDOS DESPERTADOS NA VIVÊNCIA

A Metodologia da Espiral Construtivista caracteriza-se por ser uma metodologia ativa de ensino aprendizagem com enfoque problematizador, em uso no Brasil desde 2004, propiciando o envolvimento dos educandos no processo educativo e favorecendo a capacidade crítico-reflexiva sobre o que estão fazendo.¹¹

A cada encontro presencial o movimento da Espiral Construtivista foi disparado a partir de Situações

Problemas considerando a intencionalidade pedagógica de cada movimento. A partir da Situação Problema (SP), é disparado o primeiro movimento da Espiral, a identificação de problemas, que se deu de forma coletiva, onde cada participante contribuía a partir de seu olhar, com as ideias e percepções despertados na leitura da SP, fragmentos que formaram o todo no consenso do grupo, se traduzindo nas inquietações do coletivo. De acordo com Lima (2016b), esse movimento "não se trata de "um" problema a ser reconhecido pelos educandos do grupo, mas de um conjunto de problemas, resultado de diferentes perspectivas e interpretações".¹¹

O próximo passo foi a formulação de explicações iniciais, considerando o conhecimento prévio de cada um, buscando responder de forma empírica, um problema ou conjunto de problemas identificados. Nesse momento, foi difícil dissociar da prática acadêmica onde "aprendemos" que para cada problema formulado, deve-se definir hipótese(s), sem a possibilidade de agregar problemas para uma hipótese. Refletindo sobre esse movimento, Lima¹¹ afirma que

A formulação de hipóteses explicativas permite reconhecer tanto as racionalidades como os sentimentos associados, pelos participantes, aos problemas identificados. Quanto maior o número de hipóteses, maior o potencial para produzir explicações abrangentes. Nesse sentido, juntamente com os problemas e desafios identificados, os distintos sistemas explicativos representam os saberes prévios e as fronteiras de aprendizagem.

No movimento “formulando hipóteses”, os repertórios construídos nas experiências de cada educando devem ser, respeitosamente, considerados. O reconhecimento de imprecisões, incompletudes, incongruências, ambiguidades e outros desafios devem resultar na elaboração de questões de aprendizagem.¹¹

É interessante observar que a construção coletiva, amplia a capacidade de ver com os olhos do outro, possibilitando identificar outros desafios que no contexto individual, poderiam passar despercebidos. Nesse sentido, tudo deve ser “respeitosamente considerado” para orientar a definição de questões de aprendizagem que representam as necessidades do grupo.¹¹

A elaboração das Questões de Aprendizagem, é o terceiro movimento da Espiral, onde são formuladas questões que expressam as necessidades de aprendizagem, buscando responder as fragilidades sentidas no coletivo, “a seleção e pactuação, no coletivo, das questões

consideradas mais potentes e significativas para o atendimento dessas necessidades e ampliação das capacidades de enfrentamento dos problemas identificados, trazem objetividade e foco para o estudo individual”.¹¹ As Questões de aprendizagem orientam as pesquisas bibliográficas, ampliando o conhecimento sobre o assunto e devem focalizar aspectos que possibilitem ao grupo, ampliar seu entendimento e possibilidades de intervenção sobre os problemas identificados, ressignificando a prática cotidiana.¹⁰

O movimento para as buscas de novas informações, é o momento onde cada educando, individualmente, acessa fontes bibliográficas em repositórios científicos ou material físico disponível para subsidiar os novos conhecimentos, sendo refutadas ou não as hipóteses iniciais.

A construção de novos significados, pressupõe a interação dos saberes prévios e os novos conhecimentos, onde o educando confronta as ideias, produzindo novos saberes, através da análise crítico-reflexiva. As buscas individuais são compartilhadas no coletivo, e nesse movimento, mesmo cada um, com seu

olhar e sua subjetividade, compartilha o que foi mais significativo para o seu aprendizado. Mesmo orientados por QA comum(ns), fica evidente no movimento da síntese provisória, a Aprendizagem Significativa "processo pelo qual uma nova informação se relaciona, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura cognitiva, interagindo com a estrutura de conhecimento específica".¹²

A Avaliação do Processo é um outro movimento na Espiral, que faz parte da avaliação formativa, e é realizada por cada participante, que faz sua autoavaliação, avalia os pares e o facilitador, o qual também se autoavalia e avalia o desempenho de cada participante e do grupo. Nesse processo é importante que a autoavaliação seja orientada para a identificação das facilidades e dificuldades "processo de aprender, visando à melhoria no acesso, análise e organização de informações", favorecendo a metacognição.¹¹

A Espiral Construtivista, assim como qualquer método educacional, tem também suas potencialidades e limites, portanto a escolha desse método deve levar em consideração alguns aspectos. Lima¹¹ aponta

algumas potencialidades e limites da EC,

[...] como potencialidade, as questões de aprendizagem quando contextualizadas na situação, ao invés de formuladas de modo genérico ou temático, resultam numa busca mais específica e ampliam o processo crítico e reflexivo na produção de saberes e de intervenções, tanto na realidade como em situações simuladas.

Em relação aos fatores críticos de sucesso, considero a atuação do professor, como um mediador da aprendizagem, como sendo o principal. A promoção de um ambiente aberto e respeitoso em relação às diferenças e de uma atitude comprometida com a construção ética e científica de saberes tende a potencializar o papel transformador da educação. Nesse sentido, a compreensão sobre os sentidos dos movimentos da EC e o posicionamento problematizador desse educador favorecem o espírito científico, a reflexão e a criatividade dos educandos.¹¹

A atuação do facilitador, enquanto mediador do processo, é fundamental, sendo necessária uma "postura" problematizadora, ou seja, este não deve dar respostas prontas e sim favorecer o "espírito científico, a reflexão e a criatividade", não existe o certo ou errado, existem saberes prévios que podem ser ressignificados a partir da vivência, para isso, cada educando precisa viver, aprender a aprender, (re)aprender.¹¹

No Curso, a cada encontro, foi desenvolvido o movimento da Espiral

Construtivista disparada a partir de Situação Problema ou Narrativa de Prática. No primeiro encontro as atividades foram sendo desenvolvidas a partir das consignas propostas, e neste momento, sem fazer a correlação com a Espiral Construtivista, pela ansiedade de conhecer cada nova atividade. Em leituras anteriores sobre Metodologias Ativas e Problematização, foi possível conhecer a EC, porém esta aprendizagem estava no campo do conhecimento e somente após a vivência prática, a partir do 2º encontro presencial, ao visualizar a Imagem da EC, foi possível compreender melhor seu significado e a intencionalidade pedagógica.

No terceiro encontro, ao vivenciar pela quarta vez o movimento da EC, com os novos conhecimentos bem organizados na cabeça, foi perceptível a dificuldade do grupo na definição de problemas, hipóteses e questão de aprendizagem. Em movimentos anteriores, quando no momento das buscas a partir de questão de aprendizagem definida, a dificuldade para encontrar referências que pudessem respondê-las, foi decorrente da dificuldade de desenvolver a EC, que nesse momento culminou com a confusão mental

generalizada no grupo, com a sensação de estar andando em círculos, sem sair do lugar, confusão em meio ao caos. Para contribuir com a compreensão do movimento da identificação de problemas na Espiral Construtivista, Lima¹¹ descreve que

Na EC, a concepção de problema se alinha à perspectiva empregada no planejamento estratégico situacional.

Para Matus, problema é uma realidade insatisfatória ou um desafio que gera curiosidade, inquietude ou desconforto, e que pode ser transformado numa realidade mais favorável ou desejada. Essa referência é uma condição que também distingue o processamento das situações utilizadas na EC e que representam distintos interesses e valores, tanto dos educandos, ao interagirem com as situações, como daqueles que participam do processo de elaboração dessas situações. As situações-problema, narrativas ou produtos sistematizados dos educandos superam a proposta de um problema “neutro” concebido pela ABP, quer restrito a determinados componentes do fenômeno ou apresentado somente na perspectiva profissional ou do professor.¹¹

O levantamento de problemas de forma coletiva, possibilita olhar para uma situação a partir de outra perspectiva e ainda a possibilidade de trazer outros problemas não visualizados com um único olhar, com isso, na Espiral Construtivista, essa etapa supera a ideia do problema

neutro, restrito ao olhar de uma única pessoa.

MÉTODOS DE ENSINAGEM NO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

As ações educacionais desenvolvidas no curso podem ser relacionadas à expressão ensinagem, “situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos, condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento, necessário à formação do (...)”, entendendo que na proposta de formação do IEP, essa parceria facilitador e educando é também fundamental, atuando como mediador, problematizando e instigando os educandos a refletir sobre seus conhecimentos prévios e buscar novas informações, para isso, é necessário por parte do educando, uma abertura e consequente entrega para vivenciar e experienciar o novo.¹³

No Curso APES, as atividades são desenvolvidas por meio das Ações Educacionais, de forma articulada e orientadas ao desenvolvimento da competência segundo as Atividades Curriculares, assim distribuídas:¹⁰

- (i) Saberes e práticas em processos educacionais:

Situação-Problema (SP); Aprendizagem Baseada em Equipe ou Team Based Learning (TBL); Oficina de Trabalho (OT); e Viagem Educacional (VG);

- (ii) Simulação da Prática: Prática Simulada de Facilitação (PSF);

- (iii) Reflexão da Prática: Narrativa da Prática (NP); Portfólio; Aprendizagem Autodirigida (AAD).

As atividades agrupadas nos Saberes e práticas em processos educacionais, visam o aprofundamento da compreensão de processos educacionais com MA, enquanto que as atividades de Simulação de Prática visam a capacitação dos participantes como facilitadores e a Reflexão da Prática visa a reflexão sobre o contexto dos participantes, bem como o desenvolvimento do domínio cognitivo e a ampliação dos sentidos (escuta, olhar, percepção) de habilidades e de atitudes.¹⁰

Um dos pontos chave nesse processo de formação é o convite à reflexão sobre a importância das emoções no contexto da formação. Segundo Oliveira et. al¹⁴ as emoções

são indissociáveis da racionalidade e inerentes ao reino animal

A razão, por meio da linguagem, gera argumentos que justificam ou negam nossos desejos, nossas intenções e preferências. Nesse sentido, consideramos que todos os conflitos são permeados pela emoção. Aqueles de natureza lógica são mais fáceis de ser superados, especialmente quando há escuta e respeito pelos saberes prévios do outro e amorosidade no apoio à superação do conflito e construção de novos saberes. Os conflitos ideológicos são mais suscetíveis a uma explosão emocional como resultado da total negação de premissas diferentes e, por isso, da ausência de abertura para a escuta e a reflexão¹⁴.

Considerando a premissa de que o processo educacional não está dissociado do contexto das emoções, no perfil de competências do facilitador de aprendizagem do IEP-HSL, são encontradas a combinação de capacidades cognitivas, atitudinais e psicomotoras traduzidas no desempenho desejável do facilitador frente as ações educacionais.¹⁴

A cada encontro, a EC foi desenvolvida a partir dos disparadores Situação-Problema (SP), através do processamento de situações baseadas na prática educativa e a Narrativa de Prática (NP), com situações trazidas pelos participantes, produzidas em forma de narrativas de situações vivenciais. O primeiro disparador,

possibilitou a exploração de conteúdos relacionados ao objetivo do curso enquanto que o segundo disparador, além de possibilitar a exploração do conteúdo no contexto dos participantes, possibilitou também o desenvolvimento do domínio cognitivo, favorecendo a ampliação de sentidos, de habilidades e atitudes.¹⁰

A Aprendizagem Baseada em Equipe ou Team Based Learning (TBL), foi outra ação educacional presente no curso. O TBL “promove a construção de conhecimento, especialmente focalizada na resolução de problemas e o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa, uma vez que utiliza atividades de discussão, considerando distintos saberes e experiências dos participantes”¹⁴. No curso foi vivenciado o TBL Aplicação, no terceiro encontro, simultaneamente com outras turmas no Brasil, utilizando a tecnologia da vídeo transmissão, orientados por um facilitador (especialista) do IEP-HSL que conduziu a atividade no estado de São Paulo. A consigna dada foi a leitura individual do texto relacionado à avaliação no contexto da Taxonomia de Bloom, seguido da escolha da melhor alternativa para as questões apresentadas.

A Taxonomia de Bloom, é um instrumento utilizado para avaliar o processo educativo em seus aspectos cognitivos, sistematizada por Bloom em 1956, onde classifica os domínios cognitivos em seis categorias: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação, ordenadas de forma mais simples para a mais complexa, podendo ser utilizada como um recurso de referência para avaliar as habilidades cognitivas uma hierarquia crescente.¹⁵

O TBL, é uma estratégia muito utilizada em processos de formação referenciados por Metodologias Ativas, para Bollela et. Al¹⁶,

tem sua fundamentação teórica baseada no construtivismo, em que o professor se torna um facilitador para a aprendizagem em um ambiente despido de autoritarismo e que privilegia a igualdade. As experiências e os conhecimentos prévios dos alunos devem ser evocados na busca da aprendizagem significativa. [...] a vivência da aprendizagem e a consciência de seu processo (metacognição) são privilegiadas. Outra importante característica do construtivismo é a aprendizagem baseada no diálogo e na interação entre os alunos, o que contempla as habilidades de comunicação e trabalho colaborativo em equipes, que será necessária ao futuro profissional e responde às diretrizes curriculares nacionais brasileiras. [...] o TBL permite a reflexão do aluno na e sobre a prática, o que leva às mudanças de raciocínios prévios.¹⁶

Na vivência do TBL, foi fundamental a interação do grupo e o trabalho colaborativo, principalmente o exercício da escuta e também da argumentação, para ressignificar os conceitos formulados durante o exercício individual. No final das discussões, o que prevaleceu no consenso foram as argumentações que mais se aproximaram da melhor resposta para o coletivo.

A Oficina de Trabalho (OT), é uma ação “orientada para o desenvolvimento de capacidades de caráter instrumental e de conhecimentos operacionais, podendo utilizar diferentes abordagens metodológicas”.¹⁴ A primeira OT vivenciada foi a oficina “Dar e receber críticas”, a partir de um questionário com 10 critérios para um retorno efetivo, priorizando 5 destes, por importância. Os critérios abordados foram: cuidado; atenção; solicitação; especificidade; afetividade; objetividade; oportunidade; direção; confirmação; e compreensão.

A crítica quando dirigida à outrem, talvez seja um exercício mais fácil, presente no cotidiano onde se julga o que o outro está fazendo, porém receber críticas é um exercício bem mais difícil, sendo necessário exercitar

a escuta. O exercício de oferecer a crítica, requer a sensibilidade de perceber o momento oportuno, levando em consideração o como e quando fazer, de forma construtiva, para que quem receba a crítica sinta que a intenção é de contribuir e não valorizar os “defeitos ou erros”. Para o facilitador em um processo educacional, esse é um movimento importante, pois a avaliação deve ser percebida por quem recebe, como um movimento de construção, onde o desejo é potencializar o que vem sendo desenvolvido pelo educando. Segundo Lima¹⁰, “Fazer e receber críticas é um dos mais significativos métodos para o acompanhamento do crescimento pessoal”.

No segundo encontro, foi vivenciado na OT a Espiral Construtivista e nesse momento foi possível compreender melhor o movimento da espiral no processo ensino-aprendizagem, desenvolvido a partir dos disparadores de SP e NS, conforme descrito no capítulo anterior. Outro disparador da OT, no terceiro encontro foi o Perfil de Competências do Facilitador, olhando para o Quadro 4 - Perfil de Competência do facilitador de aprendizagem, IEP/HSL, 2016, do Caderno do Curso. Nesse momento, a

consigna foi identificar 02 (duas) potencialidades e 02 (dois) desafios com relação ao desempenho, um na área educacional e outro na área da gestão, considerando as ações-chave. A cada atividade realizada, foi possível perceber as diversas abordagens metodológicas utilizando a OT, com a diferentes abordagens.

A Viagem Educacional é outra ação educacional, também relacionada a AC saberes e práticas em processos educacionais, que corresponde a uma “ação social e artística dentro de um contexto pedagógico que contribui para a aprendizagem, particularmente por meio do acesso às emoções e aos sentimentos”.¹⁰ Pensar a Viagem Educacional enquanto uma estratégia pedagógica, pressupõe lançar mão de forma contextualizada da ação com a intencionalidade pedagógica do movimento educacional. Durante as vivências da Viagem Educacional, o facilitador deve estar sempre atento para acolher as emoções despertadas, de forma que todos possam compartilhar o que sentiram, ponderando entre emoção e razão, observando situações de desconforto que possam ser despertadas com a ação.

A Prática Simulada da Facilitação (PSF), corresponde a AC simulação de prática, que possibilita o reconhecimento de conquistas, limitações ou dificuldades na atuação enquanto facilitador, utilizando MA. Realizada em grupo, permite o apoio de uns aos outros após cada “Congela”, nome utilizado para a simulação, onde o participante se autoavalia, é avaliado pelos participantes e pelo gestor de aprendizagem, identificando as potencialidades e fragilidades sentidas durante a simulação. Essa atividade foi desenvolvidano Curso a partir do segundo encontro, com o desenvolvimento da EC, sendo conduzida por um participante do curso, a cada 20 min.

Aprendizagem autogerida (AAD) é o momento individual onde o participante, realiza as buscas necessárias para responder as questões de aprendizagem, processa as análises de forma contextualizada a ainda se dedica à construção do Portfólio. Para Lima¹⁰

A AAD é um período estratégico nas metodologias ativas de ensino-aprendizagem, especialmente destinado ao desenvolvimento de autonomia de cada participante na construção de capacidades para o processo de aprender ao longo da vida. As

características desse processo devem ser exploradas pelos facilitadores nos encontros de portfólio.¹⁰

O Portfólio está inserido também na UC Reflexão da Prática e envolve momentos de encontro individual ou coletivo entre os participantes e o gestor de aprendizagem, que acompanha a trajetória de cada participante do curso. Villas Boas (2004), define o Portfólio como

um dos procedimentos de avaliação condizente com a avaliação formativa. Oferecem aos alunos a oportunidade de registrar, de modo contínuo, experiências e êxitos significativos para eles. São organizados em um tempo dedicado a esse propósito. Para Klenowski (2003) baseia-se em seis princípios: promove nova perspectiva de aprendizagem; é um processo; incorpora análise do desenvolvimento da aprendizagem; requer auto-avaliação; encoraja a seleção e a reflexão do aluno sobre o seu trabalho; considera os professores como facilitadores da aprendizagem.¹⁷

O encontro individual de Portfólio, é uma estratégia do processo que possibilita, apresentar a produção, com as reflexões despertadas no processo. Após a conversa com a Gestora de Aprendizagem, no encontro de Portfólio, foi possível perceber que este, apresentava muitas imagens e poucas narrativas não reflexivas, que não traduziram o deslocamento no curso e como estava sendo vivenciar o processo, que reflexões e sentidos

foram despertados. Nesse movimento, surge a frustração por achar que o conhecimento do que seria um Portfólio e sua construção já fazia parte da compreensão, porém foi possível perceber narrativas descritivas, sem demonstrar as reflexões produzida a cada encontro, a cada atividade desenvolvida.

A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS E DO APES

A avaliação em qualquer processo educativo, é sempre um ponto de reflexão por gerar dúvidas e até mesmo insegurança, tanto para quem avalia quanto para quem é avaliado. No contexto das MA, a avaliação é “um processo intrínseco à (e promotor da) aprendizagem - domínio que propicia a mudança, o avanço, a progressão, enfim, a aprendizagem”.¹⁸ Para Perrenoud apud Kraemer¹⁹, a avaliação da aprendizagem, no novo paradigma, é um processo mediador na construção do currículo e se encontra intimamente relacionada à gestão da aprendizagem dos alunos.

A concepção de avaliação do IEP/HSL é processual, “é uma atividade permanente [...] para o acompanhamento do processo ensino-

aprendizagem em ações educacionais. Permite visualizar avanços e detectar dificuldades”. É baseada nos seguintes princípios: critério-referenciada; contínua, dialógica, democrática e corresponsável; formativa e somativa.¹⁰ Nessa perspectiva a avaliação não é medida através de notas em um dado momento com provas, seminários ou trabalhos, como se dá na metodologia tradicional.

O diferencial em processos educacionais com MA é a potencialidade da avaliação processual, considerando os aspectos cognitivos e atitudinais que também interferem na capacidade cognitiva e no perfil profissional desejado, contemplando os pilares da educação “aprender a conhecer; aprender a conviver; aprender a ser; aprender a fazer”. Para possibilitar essa avaliação o processo é realizado em pequenos grupos, onde o facilitador avalia até 10 (dez) pessoas por grupo, facilitando o olhar integral para o desenvolvimento do especializando em todo o processo formativo, considerando os aspectos necessários. A avaliação é colaborativa incluindo a autoavaliação, a avaliação entre pares (especializando entre si e para o facilitador) e a avaliação do facilitador pelos especializando.

Nos processos educacionais do IEP/HSL, a avaliação formativa "é realizada verbalmente, durante e ao final de todas as atividades, com a autoavaliação, avaliação dos participantes e avaliação do docente, com o reconhecimento das conquistas e oferecendo oportunidades de melhorias e construção de novos significados" e através do acompanhamento do Portfólio, com análise documental e verbal das realizações dos participantes do curso.¹⁰ A avaliação somativa considera o desempenho do participante nos encontros presenciais e atividades à distância.

O processo de avaliação desenvolvido no Curso APES, possibilitou a reflexão sobre a avaliação que desenvolvida em processos pedagógicos tradicionais, onde as reprovações são sempre dolorosas gerando insegurança, não somente com a avaliação, mas com relação ao processo de ensino aprendizagem como um todo. É necessário refletir sobre a responsabilidade do educador nas reprovações e as necessidades de mudanças, de repensar e buscar novas alternativas para potencializar a prática avaliativa, considerando não somente

os aspectos cognitivos. A avaliação não deve ser concebida como um processo excludente, onde "sobrevive o melhor".

Com tantas inquietações e reflexões, o curso contribuiu significativamente para a a reflexão-ação, apresentando novos métodos de ensino e avaliação, e um novo olhar sobre as práticas avaliativas no cotidiano das práticas, nos diversos espaços de formação.

CONSIDERAÇÕES

O processo de facilitação utilizando Metodologias Ativas, pressupõe antes de tudo, uma abertura para o novo, romper o paradigma de que no processo ensino-aprendizagem existe a figura de quem ensina e quem aprende, e que o "aluno" é um mero espectador que deve receber todas as informações repassadas pelo detentor do saber.

O curso APES instiga o participante a repensar as práticas formativas e ressignificar as práticas cotidianas, no contexto da atenção à saúde e da educação na saúde, possibilitando a compreensão por novos métodos de ensino aprendizagem que contribuem com o fazer pedagógico, apoiados em MA.

O curso representou um divisor de águas entre a prática docente tradicional e a prática com Metodologias Ativas, apoiadas na problematização e na Espiral Construtivista, após a vivência no processo de formação. Ao mesmo tempo que transforma, o curso dá a sensação de que o saber ainda é pouco, diante do universo de possibilidades que o ato educativo nos oferece. Enfim, a estranha sensação de que se aprende muito ao longo da caminhada e contraditoriamente, a célere no pensamento de “só sei que nada sei”, parafraseando Sócrates.

REFERÊNCIAS

1. FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. **Apresentação de Ana Maria Araújo Freire**. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
2. SOUSA, Katia Menezes de. **A função enunciativa como instância de diferenciação dos indivíduos e de possibilidade de identificação**. Universidade Federal de Goiás. 2008. Disponível em: <http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Katia%20Sousa.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.
3. BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
4. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
5. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
6. MEHRY, Emerson Elias. **Saúde a cartografia do trabalho vivo**. 3 Ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
7. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio: o dicionário da língua portuguesa**. - 8. ed. - Curitiba: Positivo, 2010.
8. MITRE, Sandra Minardi et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2008, vol.13, suppl.2 [cited 2017-03-01], pp.2133-2144. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900018&lng=en&nr](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900018&lng=en&nrm=is)m=is. Acesso em: 3 jun. 2016.
9. BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 02 mai. 2016.
10. LIMA, Valéria Vernaschi. **Processos Educacionais na Saúde: ênfase em avaliação por competência: caderno do curso 2016-2017**. São Paulo: Ministério da Saúde; Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2016a.

11. LIMA, Valéria Vernaschi. **Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem.** Interface (Botucatu), Botucatu, 2016b. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016005023103&lng=en&nr m=iso. Acesso em: 01 mar. 2017.
12. MOREIRA, Marco Antonio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implantação na sala de aula.** - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
13. ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Ensinar, Aprender, Aprender e Processos de Ensinagem.** Disponível em: <http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Oficina-3-Desafios-do-trabalho-docente-na-avaliacao-processual-Conteudo-utilizado-1.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.
14. OLIVEIRA, Ellys Marina Lara de. et. al. **Fundamentos Educacionais para a formação de facilitadores em Metodologias Ativas.** PBL2016 International Conference. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.panpbl.org/site/evento/wp-content/uploads/2016/10/6104648.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017.
15. JESUS, Elieser Ademir de; RAABE. André Luis Alice. **Interpretações da Taxonomia de Bloom no Contexto da Programação Introdutória.** XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (2009). Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1151/1054>. Acesso em: 27 fev. 2017.
16. BOLLELA, Valdes Roberto, et. al. **Aprendizagem baseada em equipes: da teoria à prática.** Revista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Disponível em: http://revista.fmrp.usp.br/2014/vol47n3/7_Aprendizagem-baseada-em-equipes-da-teoria-a-pratica.pdf. Acesso em: 05 mar. 2016.
17. VILLAS BOAS, B. M. de F. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.** Campinas, SP: Papyrus 2004.
18. GOMES, Andréia Patrícia. et. al. **Avaliação no Ensino Médico: o papel do portfólio nos currículos baseados em metodologias ativas.** Rev. bras. educ. med. vol. 34 n.3 Rio de Janeiro jul./set. 2010. Disponível em: Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022010000300008&lng=pt&nr m=iso>. Acesso em: 05 mar. 2017.
19. KRAEMER, Maria Elisabeth Pereira. **A avaliação da aprendizagem como processo construtivo de um novo fazer.** Revista da Avaliação da Educação Superior. Campinas 10.2 (2005): 137-147